

# LINGUASAGEM

## OS ROMANOS E A MORTE: UMA EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO DE EPITÁFIOS EM LATIM

Michele Eduarda Brasil de SÁ<sup>1</sup>  
Manuel Rodrigo da Silva OLIVEIRA<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de pesquisar, traduzir e comentar alguns epitáfios romanos, selecionados na base de dados chamada *The Latin Library*. A partir dos epitáfios traduzidos, estudam-se aspectos relacionados ao modo dos antigos romanos de compreender a morte. Como base teórica, são utilizados os escritos de Paul Veyne, José d'Encarnação, Jean-Pierre Vernant e Oswaldo Giacoia Júnior. Como resultado, os epitáfios são divididos em cinco grupos (de tom lamentoso, de consolação, de identificação, didático e jocoso), respeitando-se as interseções entre eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução, epitáfios, morte, latim.

### Introdução

O presente trabalho é fruto de um ano de pesquisa no âmbito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Trata-se da publicação do resultado da pesquisa homônima, conduzida de agosto de 2010 a julho de 2011 e cadastrada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Amazonas, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Foi motivado pela carência de trabalhos deste escopo na instituição e pelo crescente interesse sobre língua e literatura latina entre alunos da graduação, interesse que começou na descoberta da herança latina que possuímos. A partir do levantamento do que seria esta “herança”, surgiram alguns temas de pesquisa, tais como o fato de que os antigos romanos tinham uma relação com a morte que revela atitudes contrastantes: o lamento, o pesar, tão intrinsecamente associados ao momento de perda de um ente querido, dá lugar às vezes à ironia, ao humor diante da inevitabilidade do morrer.

<sup>1</sup> Universidade de Brasília – UNB. E-mail: michedu@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: rodigo.so@gmail.com.

Este trabalho teve o objetivo de pesquisar, traduzir e comentar alguns epítáfios romanos, selecionados numa das maiores bases de dados que disponibilizam textos clássicos: *The Latin Library* (<http://www.thelatinlibrary.com>). A partir dos epítáfios traduzidos, foi possível levantar aspectos relacionados ao modo dos antigos romanos de compreender a morte. A metodologia utilizada para este estudo foi basicamente a bibliográfica.

Como base teórico-metodológica, foram utilizados como referência autores como Paul Veyne, José d'Encarnação, Jean-Pierre Vernant e Oswaldo Giacoia Júnior. Após a tradução dos epítáfios, foi feita a seleção com base nos elementos percebidos como relevantes para a pesquisa. A partir da leitura dos textos teóricos, fez-se ainda uma revisão das traduções, buscando identificar nelas exemplos que corroborassem (ou negassem) as asserções nelas contidas. Do ponto de vista da relação entre o homem e a morte, remetemos à afirmação de Oswaldo Giacoia Júnior (2005, p. 14-15):

[...] é fundamental observar que a maneira como uma determinada sociedade se posiciona perante a morte e os seus mortos desempenha um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva, na medida em que essa integração da morte e da relação com ela constitui um dos elementos mais relevantes para a formação de uma tradição cultural comum.

A morte e a preparação (ou não) para encará-la, inevitável que é, marcam de forma considerável a vida, seja no plano individual, seja no coletivo. Há diferentes maneiras de reagir à inevitabilidade da morte, e alguns epítáfios traduzidos são testemunhos disto, ora transmitindo solenidade e pesar, ora apresentando uma forma jocosa.

### **Fundamentação teórica**

Os epítáfios constituem-se um tipo de registro *sui generis* acerca da morte. O epítáfio é uma “inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários” (MOISÉS, 2004, p. 161); Ferreira (2004) coloca estes textos epigráficos como “expositores da vida íntima de algum povo”; José d'Encarnação (2010) os considera como “idéias selecionadas da imagem de si para os que ainda virão”. O teor dos epítáfios romanos escolhidos para este trabalho, retirados do sítio *The Latin Library*, reforçam as afirmações expostas pelos autores citados.

As traduções destes epitáfios revelam uma variação de tom diante da morte: umas vezes é patente o sentimento de dor pela perda de alguém querido, outras vezes a jocosidade presente nas inscrições. “[...] O tom do epitáfio varia desde o mais trágico até o mais jocoso” (MOISÉS, 2004, p. 161), o que será visto mais adiante nas traduções. Segundo José d’Encarnação (2010), as informações são gravadas pelo lapicida, que detém conhecimento sobre as fórmulas, teores e a moda das inscrições correntes num determinado período.

Veyne (2009) diz que os túmulos eram erguidos na beira das estradas e as informações contidas nos epitáfios, voltadas para os transeuntes que passavam pelas sepulturas. Os epitáfios serviam de explicação sobre quem era o morto ou o que fazia em vida (seu ofício, por exemplo); às vezes traziam palavras de consolação, dirigidas especialmente aos que sobrevivem; outras vezes faziam elucubrações a respeito dos vícios, da efemeridade da vida, tendo um caráter filosófico e às vezes didático.

### Da etimologia do termo ‘epitáfio’

Etimologicamente, “epitáfio” vem do latim *epitaphius* e do grego *epitáphion* (de *epí*, “sobre”, e *táphos*, “túmulo”, “inscrição tumular”). Massaud Moisés, em seu “Dicionário de termos literários” (2007, p.161), assim se refere a ele:

Designa a inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários. Conquanto remonte aos dias do antigo Egito, o epitáfio resumiu-se, praticamente até a época áurea dos gregos, a breves notícias (datas de nascimento e morte, nome, profissão). Os latinos não só o empregaram com prodigalidade como lhe concederam estatuto literário: às informações usais acrescentavam um elogio ao morto em forma de versos. [...] O tom do epitáfio varia desde o mais trágico até o mais jocoso ou mesmo satírico.

O *status* literário dos epitáfios, ao qual Massaud Moisés faz alusão, justifica também esta pesquisa. Não se trata de uma literatura – e, por que não dizer, de um gênero literário – inferior; ao contrário, pode-se aprender através destes textos coisas que não encontraríamos na épica ou no drama, por exemplo.

Como já mencionado, os epitáfios são elogios fúnebres gravados em lápides tumulares. José d’Encarnação lembra que “estamos perante uma mensagem sintética, pensada e que visa – se possível – alcançar a eternidade” (2010, p.15). Eternidade para os romanos, como se verá mais adiante, é para o público e não para a vida *post mortem*. O mesmo autor ainda ressalta a definição de Giancarlo Susini: “[...] o Homem

selecionou idéias para deixar de si uma imagem para os vindouros”, e destaca que a reconstituição de uma época sem o recurso aos documentos epigráficos é incompleta.

Paul Veyne menciona a existência de “um direito de todos sobre a conduta de cada um” (2009, p.155), ou seja, o público tem grande influência sobre o particular. Não obstante, todos podem se voltar a todos e julgar a todos, pois todos se conhecem ou se conjectura que se conhecem. Contudo, “um romano não pode ter intimidade pessoal”, mas o menor particular pode se dirigir ao “público” para fazer uma piada ou um anúncio, por exemplo.

De maneira notável, prevalece também idêntica publicidade nas tumbas, no que diz respeito à noção dos cemitérios antigos: “[...] à beira de estradas, que não pertenciam a ninguém, e era ali, na saída das cidades, que se erguiam os túmulos.” (VEYNE, 2009, p.156). Assim que saíam das fronteiras da cidade, os viajantes se deparavam com duas fileiras de sepulturas que pretendiam chamar a atenção: “*Viajante, aquilo que digo é pouca coisa*” (Epitáfio B52, nº 3); “*Jovem, ainda que te apresses, esta lápide te roga que olhes para ela*” (Epitáfio B 848; nº 6). Os epitáfios ali escritos não se direcionavam tão somente aos amigos ou à família, mas para todos: destinavam-se para os passantes (daí a presença constante de palavras como “viajante”, “transeunte” etc.). No Epitáfio B 1452, por exemplo, lemos o seguinte:

*Dic rogo qui transis: sit tibi terra levis.*

Tu que passas pelo túmulo, eu rogo; diz: “que a terra te seja leve”.

Não importa quem seja. Não importa que se trate apenas de um desconhecido. É como se o morto – embora morto – interagisse com os vivos. Nada pode deter a morte, porém, ao dizerem “que a terra te seja leve”, uma fórmula já cristalizada, parece que os efeitos do sofrimento que a morte faz supor estão minimizados.

### **Da seleção dos epitáfios**

Com relação aos epitáfios que compõem o *corpus* de tradução, foram selecionados do sítio *thelatinlibrary.com* alguns que atendessem aos seguintes critérios: 1) que não estivessem fragmentados (algo comum, já que se trata de textos muito antigos, alguns encontrados em sítios arqueológicos); 2) que fossem variados (temas,

tamanhos, com identificação do morto ou não), a fim de que se pudesse ter uma visão abrangente.

Como o próprio Moisés (2004) comenta, os antigos romanos podiam empregar aos seus epitáfios um tom ora trágico, de lamento, de pesar, tão intrinsecamente associados ao momento de perda de uma pessoa querida, ora um tom irônico, jocoso diante da inevitabilidade do morrer. Entretanto, com a leitura de Veyne e José d'Encarnação, foi possível observar outros tons manifestos nos epitáfios, que assinalamos como tons de consolação, de identificação e didático. Dessa forma, os epitáfios foram distribuídos de acordo com o tom que cada um apresenta:

- De caráter lamentoso;
- De caráter de consolação;
- De caráter de identificação;
- De caráter didático;
- De caráter jocoso;

A apresentação de cada um dos epitáfios segue o seguinte esquema: número de ordem dos epitáfios selecionados para este artigo (nem todos os pesquisados foram incluídos aqui); identificação recebida pelo banco de dados *thelatinlibrary*; texto; tradução dos epitáfios; comentários.

### **Epitáfios de caráter lamentoso**

**Nº. 1**

#### **Epitáfio B 1051**

*Tu pater et mater lacrumis retinete dolorem,  
Nam fato raptam non potes eripere.*

Tu pai e tu mãe, retende a dor das lágrimas,  
Pois não podes libertar a raptada pelo destino.

Os ritos fúnebres e a arte tumular, segundo Veyne (2009, p. 199), “multiplicavam as afirmações de todo tipo destinadas a reduzir a angústia que se antecipa ao momento de morrer”. Este epitáfio é destinado a suavizar as aflições dos pais e das mães que andam pelos cemitérios, tendo enterrado seus filhos.

Veyne (2009) lembra que de todos os lados a morte pode nos surpreender: um naufrágio, bandidos, uma crise de saúde. Neste caso, o epitáfio é específico ao pai e à mãe que perderam um ente querido muito próximo: uma filha. Por ser *fato raptam*

(“raptada pelo destino”), deduz-se que morreu de forma inesperada, não havendo tempo, muito provavelmente, para os pais se despedirem da filha, ou simplesmente enfatizando a morte na juventude, quando a morte inspira ainda mais compaixão.

No entanto, o epitáfio não revela nas inscrições os nomes do defunto e do dedicante: a identificação se esconde sob uma simples alusão, conforme nos lembra d’Encarnação (2010). O epitáfio apresenta *pater*, *mater* e, provavelmente, a comunidade já os conhece.

## Nº. 2

### Epitáfio B 397

*Rapta sinu matris iacet hic miserabilis infas  
ante novem plenos lunae quam viveret orbes.  
hanc pater et mater maesti flevere iacentem  
parvaeque marmoreo clauserunt membra sepulchro.*

Aqui jaz, raptada do seio da mãe, esta pobre criança,  
que morreu antes de nove trajetórias completas da lua.  
Tristes, o pai e a mãe choraram esta que jaz,  
e fecharam os pequenos membros neste sepulcro de mármore.

A tradução do epitáfio proporciona conhecer uma jovem criança que morreu prematuramente: ainda com poucos meses de nascida. Pode-se dizer que foi abortada naturalmente, morrendo ainda no ventre materno, ou nove meses após o nascimento.

A linguagem contida nos versos tenta amenizar a dor da perda, valendo-se de termos como: *raptada do seio da mãe* (termo *rapto* já observado no epitáfio anterior, que expressa uma morte inesperada), *pequenos membros* (de criança), mas o tom de tristeza é evidente: *pater et mater maesti flevere...* (tristes, o pai e mãe choraram...).

Os termos *iacet hic* (aqui jaz) e *iacentem* (que jaz) revelam o anseio à eternidade, que segundo José d’Encarnação (2010, p. 51), “é o tempo sustido, voluntariamente sustido”. O tempo parece ter parado: “ ‘Aqui jaz’ – Agora. Neste momento. Ainda”.

## Nº. 3

### Epitáfio B 52

*Hospes, quod deico paullum est, asta ac pellege.  
Heic est sepulcrum hau pulcrum pulcrae feminae.  
Nomen parentes nominarunt Claudiam.  
Suom mareitum corde deilexit souo.  
Gnatos duos creavit. Horum alterum  
in terra linquit, alium sub terra locat.*

*Sermone lepidò, tum autem incessu commòdo.  
Domum servavit. Lanam fecit. Dixi. Abei.*

Viajante, aquilo que digo é pouco coisa, para aqui e lê do início ao fim.  
Esta é a não bela sepultura de uma bela mulher.  
Quanto ao nome, os pais a chamaram Cláudia.  
Amou seu marido de todo o seu coração.  
Criou dois filhos. Um destes deixa em terra,  
o outro, sob a terra coloca.  
Modo de falar encantador, e, além disso, de conduta apropriada.  
Guardou a casa. Fez lã. Disse. Vai.

O epitáfio B52, na primeira linha, convida o passante para ler a inscrição tumular que conta um pouco sobre a vida de alguém. O lamento é manifestado na segunda linha do epitáfio, por parte do escrevente, que informa que “esta é a não bela sepultura de uma bela mulher” (com a fineza da litotes), pois o monumento epigráfico pode não estar à altura da beleza da pessoa sepultada. Esta beleza é mais que meramente física: no decorrer do epitáfio, percebe-se que se tratava de uma mulher e esposa exemplar segundo os costumes romanos.

É exposta, na linha três, a identificação da pessoa à qual é dedicado o epitáfio. Neste epitáfio, o nome a se tornar livre das unhas do esquecimento é Cláudia. Dificilmente se estabelecia regras quanto aos nomes de mulheres. Contudo, um dos costumes romanos era utilizar o *nomen* do pai no feminino, o que parece ser mais conveniente neste caso.

Do verso 4 ao 8, o epitáfio informa sobre o papel social de Cláudia: ela casou-se e no casamento foi feliz, pelo menos aparentemente. Com relação ao casamento, Paul Veyne relata duas morais: a antiga moral e a nova moral. “Na velha moral cívica, a esposa era apenas um instrumento da função de cidadão e chefe de família; fazia filhos e aumentava o patrimônio. Na segunda moral, a mulher é uma amiga; tornou-se ‘a companheira de toda uma vida’” (VEYNE, 2009, p. 47). Sendo assim, a nova moral pregava que “casar-se é um dos deveres do cidadão” (VEYNE, 2009, p. 48), logo, o casamento era algo explícito, algo público.

Levando em consideração que os epitáfios são inscrições tumulares voltadas ao público, nada mais justo que informar aos passantes o quanto a mulher Cláudia foi reta à moral romana. Conforme a linha quatro, ela cumpriu seu dever de companheira. No que diz respeito a este epitáfio, tudo leva a crer que Cláudia teve apenas um marido com o qual teve dois filhos (sendo que um destes faleceu antes de Cláudia por causas não

explicitadas) – versos 5 e 6. Isto a coloca também como mulher aprovada segunda a antiga moral.

As características e qualidades de Cláudia são mais evidentes nos versos 7 e 8. Mulher calma e de bons costumes, fazia lã, o que se esperava ser um dos talentos de uma típica mulher romana. O epitáfio, apresentando uma morta, revela uma característica das vivas daquele grupo social.

#### No. 4

##### Epitáfio B 153

*Monumentum maerens mater fecit feiliae,  
quae nunquam laesit matre[m]*

A mãe pesarosa fez [este] monumento para a filha, a qual nunca ofendeu a mãe.

Um monumento erigido da mãe para a filha é mais um dos exemplos de morte prematura em que se acentua o tom de pesar. Além da aliteração que só se percebe em latim (*Monumentum maerens mater fecit feiliae*), temos o adjetivo *maerens*, oriundo de *maeror*, *-oris*, que significa não apenas tristeza, mas grande pesar. Na forma em que se encontra, este adjetivo pode referir-se tanto à mãe quanto ao monumento: *maerens* pode ser tanto nominativo singular feminino (referindo-se a *mater*) quanto acusativo singular neutro (referindo-se a *monumentum*). Falta de clareza? Ambiguidade? Não: permite-se a compreensão de uma e outra coisa neste texto em latim: o monumento é a materialização da tristeza da mãe e esta tristeza é o motivo do monumento. No final das contas, o sentimento é da mãe, e não da lápide. Por isso, traduzimos por “mãe pesarosa” – mas ressaltamos que, em latim, um e outro substantivo podem servir-se deste adjetivo.

#### De caráter de consolação

#### No. 5

##### Epitáfio B 1532

*Cara mieis vixi, virgo vitam reddidi.  
mortua heic ego sum et sum cinis, is cinis terrast,  
sein est terra dea, ego sum dea, mortua non sum.  
rogo te, hospes, noli ossa mea violare*

Eu vivi querida para os meus, jovem, ofereci a vida.  
Eu aqui estou sepultada e sou cinza, e esta cinza é terra.  
Mas se a terra é deusa, eu também sou deusa, não sou morta.  
Rogo-te, viajante, não violes meus ossos.



O epitáfio número quatro revela uma mulher amada por seus familiares e que “ofereceu a vida” (morreu) ainda jovem. Apesar do lamento mediante a morte, a inscrição tumular expõe maior tom de consolação.

Para os passantes que leem o epitáfio, o sentimento não é pesar ou de tristeza, mas de conforto. Para Veyne (2009, p. 210), “o importante é que os romanos fugiam da morte no mito em geral; as belas imagens míticas [...] propunham-se estetizar a morte, não entristecê-la; nisso eram cheias de significado”. Na leitura do epitáfio, a figura construída é de cinza – que está ligada à morte e é símbolo de eterno retorno – e da deusa *Tellus Mater*, a Mãe-Terra, que, segundo Brandão (1986, p.185), “concede e retoma a vida”. Por isso pode-se encontrar em alguns cemitérios, como o São João Batista do Estado do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, inscrições como *Reuertere ad locum tuum* (volta a teu lugar), fazendo alusão à terra. De qualquer maneira,

[...] esse *regressus ad uterum*, essa descida ao útero da terra, tem sempre o mesmo significado religioso: a regeneração pelo contato com as energias telúricas; morrer para uma forma de vida, a fim de renascer para uma vida nova e fecunda.

Logo, a tristeza não sobressai, pois a defunta não está morta, mas agora é deificada, ou seja sua situação agora é ainda melhor – por isso, não vale a pena chorar.

## No. 6

### Epitáfio B 1420

*Patricium domus haec aeterna laude tuetur:  
astra tenent animam, caetera tellus habet.*

Esta morada protege um patricio com eterna honra:  
As estrelas recebem a alma, a terra guarda o restante.

*Domus haec* está se referindo ao túmulo: “eterna morada onde tudo se prolonga quando tudo cessou e onde o nada toma as aparências consoladoras de uma identidade monótona” (VEYNE, 2009, p. 199) Este túmulo protege não uma pessoa qualquer, mas um nobre. “As “honras” são os cargos públicos, geralmente anuais, dos quais estava revestido e cuja lembrança permanece como uma espécie de título de nobreza” (Ibid., p. 93).

Com o mesmo teor de consolação, a figura construída neste epitáfio é a da alma do morto conduzida às estrelas para a imortalidade, enquanto a *tellus* (já observada no

epitáfio anterior) guarda o corpo. Trata-se de um ambiente não realista, mas uma forma, como já dito, de fugir da morte.

**No. 7**

**Epitáfio B 507**

*Tempera iam genitor lacrimis tuque, optima mater,  
desine iam flere. poenam non sentio mortis;  
poena fuit vita, requies mihi morte parata est.*

Tu, pai, modera já as lágrimas, e tu,  
melhor mãe de todas, deixa de chorar agora.  
Não sinto a dor da morte; a dor foi a vida,  
na morte o descanso foi preparado para mim.

Neste epitáfio, percebe-se uma situação com a qual a maioria de nós pode se identificar: quem nunca pensou que a morte pode ter sido um alívio para alguém que sofria, seja por alguma doença, seja por alguma outra circunstância? Neste caso, o epitáfio aponta para o fato de que a morte é um descanso, a liberdade em relação à dor ou ao sofrimento – torna-se, portanto, ela mesma o motivo para consolação.

**No. 8**

**Epitáfio B 1540**

*Tu qui stas et spectas mortem monimenti mei,  
aspice quam indigne sit data mihi.  
vixi annis VI, in VII escendens animam deposui meam.  
noli dolere mater, Fatus hoc voluit me[us].  
te, lapis, obtestor ne puellae tenerae gravis esse velis.*

Tu que estás de pé e observas a morte do meu túmulo,  
olha quão indignamente ela me foi dada.  
Vivi seis anos e chegando aos sete entreguei minha alma.  
Não chores, mãe, meu Destino quis isto.  
Suplico-te, lápide, que não sejas pesada para uma tenra menina.

Mais um exemplo de morte prematura se vê neste epitáfio, sendo que com mais informações: sabe-se que é uma menina, que morreu entre seis e sete anos. As palavras de consolo inscritas dirigem-se especialmente à mãe. A inevitabilidade do destino também está presente nesta inscrição. Segundo Grimall, existe entre os romanos um deus *Fatus*, cujo nome se deriva de *fatum* –i, palavra neutra que quer dizer “fado”,

“destino” (1997, p. 164). Este deus representaria o “destino individual”, sendo a personificação e divinização – bem ao gosto dos romanos – do destino em sentido geral.

### De caráter de identificação

#### Nº. 9

#### Epitáfio B 848

*Adulescens, tam etsi properas, hic te saxsolus  
rogat ut se aspicias, deinde ut quod scriptust legas.  
hic sunt ossa Maeci Luci sita  
Pilotimi vasculari.  
hoc ego vole[bam] nescius ni esses. vale.*

Jovem, ainda que te apresses, esta lápide  
te roga que olhes para ela e depois leias o que foi escrito.  
Aqui estão os ossos sepultados de Mécio Lúcio Pilótimo,  
fabricante de vasos.  
Eu queria que (tu) não fosses desconhecedor disto. Adeus.

O epitáfio atrai a atenção do passante chamando-o “jovem”. Esta forma de tratamento é bastante comum, e conduz especialmente à compreensão de que os jovens devem ser alertados a respeito da brevidade da vida, para que possam melhor usufruir dela.

O defunto expõe três nomes (*tria nomina*): *Maeci Luci Pilotimi*. No epitáfio exposto, o que distingue o defunto *Maecii* de outros *Maecii* é, além de seu nome, o seu ofício: fabricante de vasos (*vasculari*).

Observa-se ainda que o nome do morto foi gravado no Genitivo, que é uma desinência de caso latino que exprime a função de adjunto adnominal restritivo (de posse, especificação, autoria, qualidade...). Neste âmbito, pode-se interpretar o uso do genitivo do nome do defunto neste epitáfio para exprimir o sentido de que os ossos e, por extensão, o túmulo são realmente propriedade única e restrita do morto. Ferreira (2004) lembra Neila (1991) ao dizer que este aspecto está relacionado com o direito do defunto de ser proprietário de uma fração de terreno para ser sepultado (*ius sepulchri*).

#### Nº. 10

#### Epitáfio B 1609

*D(is) M(anibus) s(acrum). memoriae aeternae C.  
Valeri Saturnini, qui vix(it)  
annis noviens denis, prope convenientibus annis.  
h(ic) s(itus) e(st): o(ssa) t(ibi) b(ene) q(ui)escant).*

Consagração aos deuses Manes: à memória eterna de C.  
Valério Saturnino, que viveu noventa anos,  
quase a idade conveniente.  
Aqui jaz: que teus ossos descansem bem.

Afirma Ferreira que a presença da fórmula “consagração aos deuses Manes” nos túmulos funerários tem o desejo de “preservar a sepultura de violações através da indicação da pertença do local a estas divindades do Além”. “À memória eterna” realça o desejo por parte dos vivos de perpetuar o morto, C. Valério Saturnino, grafado no genitivo, caso já observado no epitáfio anterior (n. 6).

O nome do defunto é composto de *praenomen* – C. (provavelmente – *Cai* – Caio), o *nomen* - *Valeri* (Valério) e o *cognomen* – *Saturnini* (Saturnino – habitante de Sâturnia). Não destaca o ofício do morto, mas faz menção da idade. O arredondamento da idade por lustras (ou decênios – *noviens denis*) era prática corrente.

### Caráter didático

Nº. 11

#### Epitáfio *CIL* 6.15258

*Balnea vina Venus corrumpunt corpora nostra,  
set vitam faciunt b(alnea) v(ina) V(enus).*

Os banhos, os vinhos e os prazeres do amor corrompem nosso corpo,  
mas os banhos, os vinhos e os prazeres do amor fazem a vida.

Como já citado, o morto tira a lição de sua vida e expõe sua opinião aos passantes, oferecendo-lhes um ensinamento. O banho não era um hábito simplesmente destinado à limpeza do corpo: era um prazer complexo. Nos banhos, para Veyne (2009, p. 181), “o maior prazer era estar em multidão, gritar, encontrar pessoas, escutar as conversas, saber de casos curiosos que seriam objeto de anedotas e exibir-se”.

A melhor parte do jantar é aquela em que se bebe à vontade, e beber designava os prazeres do mundano, bem como os prazeres do amor. Contudo, havia uma atitude tradicionalista entre os antigos romanos que condenava tais prazeres. Diz Veyne (Ibid., p. 168): “Havia um tempo para cada coisa, e o prazer não era menos legítimo que a virtude”. O epitáfio admite que os prazeres corrompem o corpo; todavia, apontando para a brevidade da vida, aconselha o passante a gozar a vida enquanto é tempo. Afinal de contas, o corpo não é, de fato, eterno, sendo a corruptibilidade uma de suas características. As coisas que lhe dizem respeito (incluindo as que o corrompem) também sofrem a efemeridade.

Nº. 12

**Epitáfio B 1493**

*Vlterius nihil est morte neque utilius.*

Nada é mais distante e mais útil do que a morte.

O epitáfio expressa um ensinamento acerca da morte. A morte é distante, pois ninguém prevê quando ou onde vai morrer. Ela se torna algo mais distante (ou, pelo menos, improvável) ainda para os jovens. A morte é útil, pois “é o repouso após uma longa viagem; idéia resignada: esta vida é apenas um breve trajeto” (Veyne, 2009, p. 199).

**De caráter jocoso**

Nº. 13

**Epitáfio B 1299**

*Quid lacrimas? factum est, | vir bone, vive vale. |  
sed tibi, invade, opto, qui | ossucula mea hic sita esse | gemis,  
morte tardata vivas | aeger inops.*

O que lamentas? Está feito, homem bom. Vive, passa bem.  
Mas a ti, invejoso, desejo que vivas doente e pobre e,  
Demorada a morte, que tu lamentos os meus ossinhos  
estarem aqui sepultados.

O epitáfio aqui traduzido tenta chamar a atenção dos transeuntes com uma pergunta: “O que lamentas?” Não segue necessariamente as fórmulas pré-determinadas dos epitáfios, como *Hospes* ou *Viator*. Apesar disso, não há dúvida de que esteja voltado para o público.

“Está feito”, “está acabado” (ou seja, *factum est*, em que *factum* permite associação com outra palavra, *fatum*, o “destino”, contra o qual nada se pode fazer, na crença dos romanos): à inevitabilidade da morte o epitáfio acrescenta uma saudação (“vive, passa bem”) aos homens bons que o lêem.

Para Veyne (2009, p. 158), “os romanos não lavavam roupa suja em casa: faziam limpeza pública”, ou seja, o epitáfio também exerce um papel de censura pública; o defunto expõe o que os seus inimigos fizeram. Na atualidade, escrever coisas

como estas é sujar a sublimidade da morte, contudo, para os romanos, era permitido o epitáfio amaldiçoar o invejoso a viver “doente e pobre”, por nem da morte ser digno.

#### No. 14

#### Epitáfio B 838

*Hospes, ad hunc tumulum ne meias ossa precantur  
tecta hominis. Set si gratus homo es, misce bibe da mi.*

Viajante, não mijes neste túmulo, os ossos cobertos do homem suplicam.  
Mas, se és um homem agradável, mistura (o vinho), bebe, e me dá.

O defunto propõe um pedido um pouco inusitado para uma inscrição tumular: que não mijem em seu túmulo. Trata-se de uma palavra de calão, que não deveria estar em um lugar sagrado como uma lápide.

O epitáfio expõe um morto que, quando vivo, também bebeu com prazer, semelhante ao epitáfio nº. 11. Era costume dos romanos, antes ou depois de beber, derramar gotas de vinho no chão em devoção aos deuses (*libatio*) e, como o morto é um deus Manes agora, quer a parte que lhe cabe: vinho. Mesmo morto, ainda deseja desfrutar dos prazeres mundanos.

### CONCLUSÃO

Traduzidos os epitáfios, foi possível perceber a partir da mensagem escrita neles as maneiras diferentes pelas quais os romanos se relacionavam com a morte. Ora de maneira solene e pesarosa, ora com humor e ironia, os epitáfios materializam a preparação dos vivos para a morte, com todo o mistério que encerra esta passagem. Apesar da tentativa de classificação dos epitáfios nas categorias mencionadas, percebe-se que alguns deles podem bem se encaixar em mais de uma delas.

Existe quase sempre um interlocutor para o epitáfio: um passante, um viajante, às vezes chamado simplesmente de “jovem”, para quem a morte pode parecer algo ainda muito afastado. Seja para chorar ou para gracejar a respeito da brevidade da vida, todo epitáfio é escrito obviamente para ser lido, no que a dimensão individual/privada se transfere para a dimensão coletiva/pública, deixando para os transeuntes um conselho ou ensinamento, ou até mesmo uma mensagem de consolo. Deseja-se manter, via de regra, a identificação e o *status* social do morto, quando algum *status* ele possuía, seja

através da designação de seu ofício, seja através do louvor de seu papel familiar bem cumprido.

**AGRADECIMENTOS:** FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas)

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J.S. **Mitologia Grega**. Vol. 1. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

D'ENCARNAÇÃO, J. **Epigrafia – As Pedras que Falam**. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

D'ENCARNAÇÃO, J. **A epígrafe latina como elemento didático**. Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 25, 1996, p. 48-52.

FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português**. 7ª ed. Brasília: FAE, 1994.

FERREIRA, A.P.R. **Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?** Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2004.

FURLAN, O.A.; BUSSARELLO, R. **Gramática básica do latim**. 3. edição. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

GIACOIA Jr., O. A visão da morte ao longo do tempo. **Simpósio Morte: Valores e Dimensões**. Revista Medicina, Ribeirão Preto, 2005; 38(1): p. 13-19.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

THE LATIN LIBRARY. **Roman epitaphs**. Disponibilidade e acesso em: <<http://www.thelatinlibrary.com/epitaphs.html>> 23.jun.2011

### Como referenciar este artigo

SÁ, Michele Eduarda Brasil de; OLIVEIRA, Manuel Rodrigo da Silva. Os romanos e a morte: uma experiência de tradução de epitáfios em latim. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 430-444.

**Submetido em:** 04/10/2016

**Aprovado em:** 03/05/2018